

OS CICLOS DE LEITURA COMO FAVORECEDORES DA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Ana Glauciane da Silva Oliveira¹
Antonia Suele de Souza Alves Pereira²

Resumo: O presente trabalho apresenta resultados de uma pesquisa realizada na Escola de Ensino Fundamental II Francisca Amélia da Silva, localizada no município de Barreira, Estado do Ceará, a respeito dos Ciclos de Leitura, no sentido de conhecer e explicar essa metodologia realizada nos anos finais do Ensino Fundamental, como parte da rotina pedagógica do MAIS PAIC - Programa Alfabetização na Idade Certa. O objetivo dessa pesquisa é analisar a aplicação da metodologia dos Ciclos de Leitura nas salas de aula, bem como verificar como os professores abordam essa estratégia para o ensino de leitura e refletir sobre a aceitação dos alunos a essa proposta. Foi realizado uma pesquisa qualitativa e teve como instrumento de coleta de dados, questionários para professores e alunos e observação em sala de aula. A metodologia do Ciclos de Leitura teve boa aceitação por parte dos professores e alunos, concluindo assim, que podemos considerar os Ciclos de Leitura como uma estratégia que favorece o hábito da leitura por parte dos alunos, contribuindo para a formação de leitores críticos.

Palavras - chaves: **Círculo de Cultura, Ciclo de Leitura, Leitor Crítico.**

Abstract: This paper presents the results of a research conducted at the School of Ensino Fundamental II (Elementary School) Francisca Amélia da Silva, located in the municipality of Barreira, State of Ceará, about “Ciclos de Leitura” (Reading Cycles), aiming to know and explain this methodology carried out in the final years of “Ensino Fundamental II”, as part of the pedagogical routine of the – MAIS PAIC- Programa Alfabetização na Idade Certa. The objective of this research is to analyze the application of the “Ciclos de Leitura” (reading cycles) methodology in classrooms, as well as to verify how teachers approach this strategy for teaching reading and reflect on the students' acceptance this proposal. They were used as a data collection instrument, questionnaires for teachers and students and observation in the classroom. It is concluded that we can consider “Ciclos de Leitura” (Reading Cycles) as a strategy that favors the habit of reading by students, contributing to the formation of critical readers.

Keywords - Keys: **Circle of Culture, Reading Cycle, Critical Reader.**

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de pesquisa refletir sobre o ensino da leitura na Escola de Ensino Fundamental II Francisca Amélia da Silva e por objetivos analisar como é aplicado o Ciclo de Leitura nas salas de aula, como os professores abordam essa estratégia para o ensino de leitura e qual a resposta dos alunos para essa abordagem.

1 Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). ana.oliver1@hotmail.com.

2 Orientadora. Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). suele@unilab.edu.br.

Sabe-se que a literatura muito tem contribuído para o aluno, enquanto sujeito aprendente, mas principalmente, como cidadão, para que possa utilizar o conhecimento nas diversas situações de sua vida. Segundo Oliveira, Wada e Gentil (2006, p.86), a leitura contribui para:

[...] o desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos meninos e das meninas, proporcionam encontros lúdicos, poéticos, gratuitos, repletos de linguagem, que, por sua vez, possibilitam o prazer compartilhado das imagens e das palavras. Os leitores são remetidos às próprias experiências, o que os leva a lembranças, reflexões e novos conhecimentos.

As atividades de leitura na escola contribuem para o desenvolvimento de novos conhecimentos nas crianças. Portanto, o espaço da escola configura-se como um local privilegiado para incentivar os educandos quanto à necessidade de adquirir-se o hábito da leitura, assim, a escola deve utilizar-se de todas as estratégias possíveis para garantir que esse hábito aconteça, Brenman (op. cit., p.77)

O Ensino da leitura na escola deveria fazer uso constante da literatura, pois é nela que o aluno encontrará o eco de sua e de outras vozes, nela poderá contemplar a riqueza e a diversidade de experiências humanas acumuladas por milênios. E é somente assim, no encontro com as palavras que subvertem a fala cotidiana, que o esforço despendido na aquisição da leitura fará algum sentido para o aluno.

Com o objetivo de promover o incentivo à leitura através da distribuição de acervos de obras de literatura, o Ministério da Educação, por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola, desenvolvido desde 1997, tem fornecido às escolas um acervo literário para todos os níveis de ensino. A biblioteca escolar é o local onde os jovens ampliam suas atividades de sala de aula. Para Costa (2004, p.6):

A biblioteca escolar é um espaço em que crianças e jovens encontram material para complementar sua aprendizagem e desenvolver sua criatividade, imaginação e senso crítico. É na biblioteca que podem reconhecer a complexidade do mundo que os rodeia descobrir seus próprios gostos, investigar aquilo que os interessa, adquirir conhecimentos novos, escolher livremente sua leitura preferida e sonhar com mundos imaginários. (COSTA, 2004, p.6).

Apesar de todos os incentivos, os testes que visam mensurar o desempenho dos alunos em leitura, não trazem bons resultados. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), Avaliação Internacional da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), avalia a cada três anos, o desempenho em leitura dos alunos matriculados a partir do 7º ano do Ensino Fundamental e que tenham idade igual ou superior a 15 anos de idade. Mesmo com uma melhoria no quesito leitura, em relação à edição anterior de 2015, o Brasil segue (2018), entre os mais mal colocados e abaixo da média dos países da Organização. Diante desse fato, há a necessidade de que as escolas desenvolvam um trabalho com a intenção de modificar esse quadro.

Em 2007, esse incentivo literário nas escolas públicas do Estado do Ceará ganhou uma ênfase significativa com a adesão dos municípios ao Programa Alfabetização na Idade Certa. Ao

completar 10 anos de atuação, em 2017, o programa foi estendido aos anos finais. A partir de então foi denominada MAIS PAIC e atribuiu ao ensino da leitura literária a inclusão de uma rotina pedagógica, na qual se enquadram os Ciclos de Leitura.

Tendo como objetivo principal a fruição do texto e todas as possibilidades de gerar empatia e deleite perante uma obra de arte, no caso, o texto literário, o Ciclo de Leitura trata-se de uma proposta poético-teórico-metodológica para trabalhar práticas literárias, partindo da sala de aula, apurando o gosto pela leitura e preparando os alunos para atuarem em diversos contextos sociais. Através de um professor, enquanto mediador, o aluno adentra no universo literário com as obras escolhidas e momento de partilha. Para essa atividade, a princípio, é dedicado 30 minutos por semana, podendo ser ampliado para até 50 minutos, dentro do planejamento das aulas de Língua Portuguesa.

Os Ciclos de Leitura são sustentados principalmente pelo Círculo de Cultura, proposto pelo educador Paulo Freire, que foi o principal teórico norteador para a elaboração deste trabalho. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, que contou com três elementos de investigação: a observação em sala de aula, a aplicação de questionário para os alunos e entrevista com professores.

Na tentativa de encontrar novas estratégias para se alcançar um ensino de leitura de qualidade, essa pesquisa se justifica pela necessidade de se fazer um estudo para conhecer essa metodologia e mensurar os resultados obtidos a partir da implantação dessa proposta como favorecedores do ensino da leitura na escola.

É preciso proporcionar aos alunos algumas situações de leitura que lhes forneçam conhecimentos que ampliem seu desenvolvimento como leitor.

O trabalho é dividido com os seguintes tópicos: Leitura, Círculo de Cultura, Ciclo de Leitura, Ensino de Leitura, Metodologia, Resultados e Análise e Considerações Finais.

2. LEITURA

Desde muito tempo atrás, a leitura está presente no cotidiano das pessoas, ampliando o acesso ao conhecimento e às informações presentes no mundo. O hábito da leitura faz com que o indivíduo se mantenha sempre com seus conhecimentos atualizados. Para Orlandini (2005, p.19):

Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e a sociedade, forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimento e de ampliação das condições de convívio social e de interação.

Ampliação de vocabulários, de conhecimento e de cultura são outras vantagens do ato de ler. O “algo” lido nos tira do “nada” e nos modifica. Leitura significa conhecimento e o conhecimento é transformador. Para Freire (2000):

Ler é algo mais criador do que simplesmente ou ingenuamente “passear” sobre as palavras. (...) Ler e escrever a palavra só nos fazem deixar de ser sombra dos outros, quando em

relação dialética com a “leitura do mundo”, tem que ver com o que chama a “reescrita” do mundo, quer dizer com sua transformação.

O pensar na leitura não é apenas o ato de decodificação da palavra escrita, pois como diz Freire (1981, p.73) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ler, não é apenas correr com as estrofes de um poema para resolver um exercício em sala de aula. Segundo Roland Barthes, ler é muito mais do que decodificar uma mensagem. Ler, para ele é essencialmente “escrever” o que se passa com você na hora da leitura. Através do diálogo entre o seu mundo e o mundo da coletividade, o sujeito que lê é capaz de transformar a sua realidade. Para Silva (1996), o processo de leitura apresenta-se como: “uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e do passado em termos de possibilidades de transformação cultural futura”.

Contemplando sobre as contribuições da leitura, Maria (2002, p.24) assim a define:

A leitura é pensamento que se constrói a informação visual impressa, pensamento que é alimentado e dirigido pela escrita. O ato de construir sentido a partir do texto impresso é pôr o pensamento, interagindo com o autor do texto. O envolvimento emocional do leitor com a experiência da leitura é o mesmo que se pode ter em qualquer tipo de experiência e, da mesma forma, dela extraímos sempre algum aprendizado. A leitura é possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alargamento do mundo para além dos limites do nosso quarto, mesmo sem saímos de casa; é a exploração de experiências as mais variadas, quando não as podemos viver realmente.

No ambiente escolar, formar leitores é um dos maiores desafios do currículo da instituição. Para Rangel (2005, p. 74) o espaço escolar:

[...] traz em si, historicamente a ideia da segmentação, do ocultamento e aprisionamento atrelada à impregnação de uma rotinização importante para a introdução e implementação de conteúdos e práticas de uma formação com visitas aos interesses do estado, que exige um trabalho eficaz da escola para garantir a formação de cidadãos politicamente iguais.

É preciso despertar o encantamento pela leitura, pois favorece o desenvolvimento de um relacionamento prazeroso com o texto e, a construção do hábito da leitura deve ser de forma dinâmica e agradável. Por ser um ato que depende da motivação e que se adquire com a prática e exercícios constantes, é fato que se a escola não contar com profissionais motivados para promover atividades voltadas à leitura da literatura, provavelmente a criança se interessará pouco por ela.

Durante o processo de leitura é importante destacar o papel do professor na mediação da leitura pois é neles que os alunos irão encontrar incentivos para a prática da leitura. A mediação da leitura caracteriza-se pelas relações dialógicas entre os sujeitos, o texto mediado e o ato mediador. É um diálogo constituído de múltiplas vozes e narrativas de natureza dinâmica, flexível e crítica. Sobre o que caracteriza o mediador de leitura podemos destacar que inicialmente deve tratar-se de um leitor, alguém que gosta de ler: é necessário gostar de comunicar-se, compartilhar seus repertórios e compreender o espaço que a leitura ocupa em suas vidas. De acordo com Bartolin (2007):

[...]o professor é encarregado compulsivamente de aproximar o educando da leitura; porém, é fundamental que ele faça essa mediação, mostrando o texto como algo prazeroso e não como instrumento de avaliação e tarefa [...] E assim o leitor, além de se cumpliciar com o autor e os personagens, tem no professor também um cúmplice; isto é, se o professor estiver disposto a compartilhar com ele a leitura.

Em uma mediação de leitura, é possível envolver os leitores pelo encantamento do ato de ler, de modo digno, verdadeiro e afetivo. Assim como declarar Petit (2008), ao afirmar que a transmissão do amor pela leitura se dá pela experimentação desse amor. A mediação da leitura, portanto, é um ato de comunicação com o outro ou consigo mesmo.

Sendo assim, para que haja um relacionamento entre texto e leitor, a ajuda do educador é imprescindível. De acordo com Bakhtin (1992), a leitura se institui somente quando o leitor estabelece uma relação com o texto e com o autor numa atitude responsiva que o torna capaz de refutar, refletir e reavaliar o que leu. Do contrário, essa leitura não se constitui como tal, se fecha em si mesma, sem trazer uma contra palavra.

Ler também é compreender. Mas é preciso que o leitor esteja comprometido com sua leitura, mantendo um posicionamento crítico sobre o que lê

É na passagem da decodificação das palavras para a compreensão do que está escrito a certificação do leitor ideal, ou seja, aquele que é capaz de compreender, e não de apenas memorizar a mensagem, fazendo uma avaliação e um constante questionamento do que leu. No entanto, esse processo requer condições favoráveis para adequar uma série de fatores. O professor mediador da leitura é intérprete de um mundo repleto de aventuras, que permitem o estudante alargar as fronteiras de seu próprio mundo. Com a colaboração do professor, agente transformador, o aluno descobre que a leitura lhe permite viver experiências, sentimentos de alegria, de tristeza, de medo, de angústia e de encantamento, como também lhe proporciona construir conhecimentos mais elaborado e significativo da realidade, desde que adote uma prática metódica e crítica para o ato de ler (PICANÇO, 2009, p.1)

Portanto, ler não é só usufruir de momentos de prazer, mas tornar o leitor sujeito. A leitura de texto deve ser mais que decifrar o significado das palavras, deve despertar no leitor sua criticidade diante do próprio texto. “Ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto.” (FREIRE, 2001, p.260)

3. CÍRCULO DE CULTURA

Os Círculos de Cultura, propostos pelo educador Paulo Freire, consistem uma proposta de interação educativa, onde a ideia é promover a fala e a participação de indivíduos em situação de formação, seja numa sala de aula ou em qualquer outro espaço educativo. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), ele afirma que a educação envolve diálogo, pesquisa e comunicação:

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.16)

Surgiram na década de 1960, a partir das experiências de alfabetização de adultos no nordeste brasileiro. Neste período, a população brasileira era marcada pela pobreza, exclusão, marginalização e muitos analfabetos. Partindo desse contexto, iniciou a construção de uma nova sociedade.

Reforçou-se aí a preocupação com a alfabetização de adultos. Não apenas como possibilidade de domínio dos códigos de leitura e escrita, mas como necessidade de ler e interpretar criticamente o mundo, a fim de se situar como agente ativo e construtor de si e da história da humanidade (DAMKE, 1997, p.143).

Os participantes trazem suas realidades para o “círculo”, para a partir daí, escolher o tema gerador para o debate e buscar explicações que o ajudem a transformar na ação de problematizar e passa a perceber novos problemas na sua realidade e assim sucessivamente.

[...] educar é construir, é libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história, é um tempo de possibilidades. É um ‘ensinar a pensar certo’ com quem ‘fala com a força do testemunho’. É um ato comunicante, coparticipado’, de modo algum produto de uma mente ‘burocratizada’. No entanto, toda a curiosidade de saber exige uma reflexão crítica e prática de modo que o próprio discurso teórico terá de ser aliado à sua aplicação prática. (FREIRE, 1996, p.52).

O círculo, do latim círculos é *circus*, significa “redondeza” e indica aqui a forma do espaço e a estratégia utilizada que permite a circulação dos seres, dos saberes e dos sentires das pessoas, gerando um movimento para a transformação socioeducacional.

Em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em fase de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizem a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado. (FREIRE, 1996, p.111).

Neste contexto, não há um professor que tudo sabe, nem um aluno que nada sabe e necessita memorizar conteúdo. Educadores e educandos são sujeitos atuantes e o diálogo é o elemento-chave. Para Freire (2003), o diálogo possibilita a ampliação da consciência crítica sobre a realidade ao trabalhar a horizontalidade, a igualdade em que todos procuram pensar e agir criticamente com suporte na linguagem comum, captada no próprio meio onde vai ser executada a ação pedagógica e que exprime um pensamento baseado em uma realidade concreta. Essa metodologia ideológica dá sustento ao Círculo de Cultura, que se inicia com a leitura do mundo para chegar à leitura da palavra e a nos reinventarmos.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2003, p.11)

Portanto, o Círculo de Cultura como lugar e estratégia de aprendizagem oferece contribuições importantes para a educação. Hoje, passados mais de cinquenta anos de experiência inicial de Freire, é importante reinventar os Círculos de Cultura para além da alfabetização de adultos.

4. CICLO DE LEITURA

A leitura oferece diversas vantagens ao aluno, enquanto sujeito aprendente, mas, principalmente, como cidadão, que tem direito ao conhecimento, para que possa utilizá-la nas diversas situações de sua vida. A criança estimulada a ler se tornará um adulto questionador e crítico.

O livro leva a criança a desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, é algo fundamental, o livro leva a criança a aprender a ler, a escrever e interpretar. É por meio do texto literário que ela vai desenvolver o plano das ideias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar. (PRADO, 1996, p.19-20).

Por essa razão, a literatura ocupa uma posição privilegiada, pois conduz esse aluno a sua subjetividade e ao prazer adquirido através da leitura. Portanto, é necessário que a escola ofereça um tratamento diferenciado para as experiências em sala de aula com a leitura. Esse processo de mediação na escola com a leitura deve ser feito de maneira natural.

[...] ninguém aprende a gostar de leitura apenas ouvindo falar de livros ou vendo os de longe, trancafiados numa prateleira, é necessário que se pegue e manipule o ingrediente “Livro”, leia o que está escrito dentro dele para sentir o gosto e para verificar se essa atitude tem ou poderá ter uma aplicação em seu contexto de vida (SILVA, 1991, p.10).

A partir de uma iniciativa do Eixo de Literatura e Formação do Leitor do Programa Aprendizagem na Idade Certa – MAIS PAIC, foi implantado na rotina pedagógica do plano estruturante para o Ensino de Língua Portuguesa no Fundamental II: os Ciclos de Leitura.

Esse momento da rotina, tem o desafio de fornecer a apreensão da dimensão estética do texto, devendo ser compreendido como elemento real de interação social, sendo necessário criar oportunidades de se trabalhar oralidade, leitura, produção de texto e análise linguística.

Segundo Kleiman (1996, p.24): “é durante a interação que o mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto”.

Diante dessa reflexão e obedecendo as diretrizes do plano estruturante que instrui a privilegiar a interação, as ações dos Ciclos de Leitura contemplarão atividades capazes de oportunizar, principalmente, situações de oralidade e diálogos sobre o texto partilhado.

O Ciclo de Leitura se caracteriza por diversos momentos voltados à promoção do livro e por compartilhamentos de diálogos e leituras de mundo. O projeto se inicia quando os alunos selecionam o livro da vez a ser lido. A proposta é que haja a participação dos sujeitos envolvidos. Temas, gêneros, títulos, autores e outras indicações devem surgir após as discussões, partilhas e escolhas do próprio grupo, sob a orientação do mediador.

Os materiais utilizados são os que estão disponíveis na biblioteca escolar, downloads nos meios digitais e acervo pessoal.

O tempo dedicado à realização do Ciclo de Leitura, dentro do planejamento das atividades para estudo da língua portuguesa é de 30 minutos por semana, podendo ser gradualmente ampliado ao longo do ano letivo, podendo chegar a durar até 50 minutos, ficando a critério do professor, pois é ele quem conduzirá o aluno ao universo literário. Não há obrigatoriedade para que aconteça dentro da sala de aula, mas pode e deve acontecer nos demais espaços da escola.

Os Ciclos de Leitura são sustentados pelo Círculo de Cultura, proposto pelo educador Paulo Freire. Nessa proposta, existe o papel do mediador das discussões, no caso o professor-mediador. Ele promove o trabalho, administra o tempo e orienta os participantes; sua maior qualidade pedagógica é o incentivo ao trabalho

5. ENSINO DE LEITURA

De acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular):

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o adolescente participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas, interagindo com um número de interlocutores cada vez mais amplo. No componente Língua Portuguesa, amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências.

Sabemos que é responsabilidade da escola promover estratégias para que o aluno adquira o gosto pela leitura. É dela, o papel de integrar o aluno no mundo literário e para a formação do cidadão, segundo os parâmetros a formação do cidadão. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), se o objetivo da escola é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de textos, torna-se necessário que a atividade de leitura tenha sentido para o aluno.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e dos demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura. (Parâmetros Curriculares Nacionais: Secretaria de Educação Fundamental - Brasília, 1997, p.58).

Além de despertar no aluno, o gosto pela leitura, a escola também precisa formar leitores que sejam capazes de acionar conhecimentos prévios, relacionar um texto ao outro e levantar questionamentos sobre o que lê. Pois o sentido de um texto também está e todo o conhecimento anterior que o leitor já tem do objeto de que trata o texto. Tornando-o um leitor autônomo.

Formar leitores autônomos também significa formar leitores que sejam capazes de aprender a partir de textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte de seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. (SOLÉ, 1998, p.72).

Para que o leitor adquira autonomia é importante que o professor saiba que formar leitores é muito mais que ensinar a decodificar as palavras. Na obra de Paulo Freire, a importância do ato de ler, publicado em 1982, o autor relê momentos de sua prática pedagógica, destacando que é necessário “[...] uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” (Freire, 1989, p.9).

É preciso desenvolver estratégias que possibilita o leitor chegar a uma aprendizagem significativa. Guiá-lo a uma leitura organizada com capacidade de compreender a diversidade de textos existentes dentro e fora da escola.

[...] É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. [...] Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, p.13, 1992).

Portanto, é papel do professor proporcionar leituras interessantes e realizar um bom trabalho de exploração e compreensão dessas leituras para garantir sua compreensão. Sendo assim:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso dos livros. Trata-se antes, de dialogar com o leitor sobre sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito a algo escrito, ideias, situações reais ou imaginárias. (MARTINS, 1994, p.34).

Podemos verificar um exemplo de uma estratégia de leitura desenvolvido durante o Ciclo de Leitura em uma turma do 6º ano relatado pela professora, a partir da leitura do livro “A vida íntima de Laura” de Clarice Lispector.

[...] A atividade de leitura foi desenvolvida em várias aulas.

[...] O livro narra a história da vida “íntima” de Laura, uma galinha muito simples que vive no quintal de Dona Luísa, e é casada com o falo Luís. A leitura já inicia questionando de quem é Laura.

Informei aos alunos que esse livro era um conto, o nome da autora e ilustrador. [...] perguntei o porquê da palavra íntima no título. Eles disseram que era porque ia falar sobre os segredos da Laura. Iniciei a leitura sem mencionar que Laura era uma galinha.

Antes de seguir a leitura, parei e perguntei: e então quem pode ser Laura? Uma mulher, uma criança, um animal? Surgiram muitas hipóteses, anotei todas em um cartaz e falei que descobríamos no dia seguinte... No outro dia, li mais uma página onde a autora informa que Laura é casada com o galo Luís. Então fomos ao cartaz descartar as hipóteses erradas sobre quem era Laura. Depois perguntei às crianças, se Laura sendo uma galinha se ela teria algum medo e qual seria. Surgiram várias respostas, mas chegaram a conclusão de que o maior medo de Laura era morrer (virar comida). [...] Mais adiante lemos que todos os dias galinhas são mortas, mas que Laura continua viva. Perguntei a eles o motivo de Laura ainda não ter “virado” comida. Muitas hipóteses foram levantadas. Conferimos o cartaz para ver se todas as hipóteses poderiam continuar ali. Deixamos umas e retiramos outras. Então, eles pediam “continua lendo, tia”.

[...] Na aula seguinte, todos estavam ansiosos pela leitura. Ao fazermos o círculo e iniciarmos a roda de conversa, perguntei quem lembrava o que já sabíamos sobre a intimidade de Laura. Lemos mais algumas páginas, acrescentando e eliminando hipóteses de acordo com os questionamentos que ia fazendo. Então, li o desfecho do conto, e percebemos que quase ninguém havia acertado as várias hipóteses levantadas no decorrer da leitura. Eles ficaram bem empolgados com a história, queriam conhecer a autora e outras histórias escritas por ela.

Essa atividade relatada pela professora, mostra algumas estratégias de leitura para apresentar o conto. Estimular as predições a partir do título, retomar as previsões feitas, descartando as improváveis e recuperar o que foi lido a cada parada, foi uma forma de construir sentidos através da oralidade sobre trechos da história.

Certamente, essa abordagem feita pela professora irá contribuir de forma significativa para que os seus alunos possam usá-la em outros textos em outras situações. Tornando-se assim, leitores autônomos.

6. METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é conhecer a aplicação do Ciclo de Leitura em uma escola do Fundamental II, buscando por meio da pesquisa descritiva entender como é aplicada essa metodologia em sala de aula e observar quais estratégias os professores utilizam para o ensino da leitura e se os alunos apresentam uma resposta positiva a essas estratégias. Desse modo, a pesquisa está voltada especificamente ao trabalho dentro da sala de aula, onde são realizados os processos de leitura e serão registrados os eventos a serem observados. A pesquisa foi elaborada em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental II, na escola Francisca Amélia da Silva, no município de Barreira, no estado do Ceará. A escola foi escolhida porque é o local de trabalho da pesquisadora. É uma instituição pública e foi fundada em 2002.

A escola é a maior do município, funciona em um grande prédio, distribuído em salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, sala de vídeo, sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado), sala de diretoria, sala administrativa, sala de professores e almoxarifado. Ainda

conta com um ginásio e pátio para recreação. A escola atende os anos finais do Ensino Fundamental II, com um total de 600 alunos. A equipe da escola é formada pelo diretor, três coordenadores pedagógicos, professores, secretário escolar, agentes administrativos, funcionários de serviços gerais, cuidadores (para alunos com necessidades especiais) e porteiros.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi estabelecido contato com a coordenadora da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, a fim de obter autorização para a coleta de dados que se deu na observação das aulas de Língua Portuguesa, bem como na aplicação de questionário para os professores regentes e alguns alunos.

A metodologia usada está de acordo com Bortoni Ricardo (2008), que diz:

Uma pesquisa qualitativa no microcosmo da sala de aula, que se volte para a observação de aprendizagem da leitura e da escrita, vai registrar cada, sequência de eventos relacionados a essa aprendizagem, para, assim, poder mostrar como algumas crianças avançam no processo de ensino, e outras são negligenciadas ou desinteressadas pelo trabalho conduzido pelo professor.

Ainda para a autora a tarefa da pesquisa qualitativa da sala de aula é construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula. (2008, p.42).

Nessa perspectiva, a pesquisa pende para a investigação do trabalho exercido pelo educador em sala de aula. Deste modo, os instrumentos escolhidos para a coleta de dados focam a observação, a aplicação de questionário e a entrevista.

Foram observadas quatro turmas, 6º, 7º, 8º e 9º, quatro aulas em cada turma. A observação tinha como objetivo relacionar a metodologia do ensino de leitura do professor com a aprendizagem dos alunos. Durante a observação, foi realizado um questionário para todos os alunos, composto por cinco perguntas. Ao final foram selecionados cinco questionários de cada turma. Foram escolhidos alunos que gostam de ler de acordo com os professores regentes. Para finalizar a coleta de dados foi realizada uma entrevista com os professores regente das turmas. A entrevista foi realizada durante um planejamento dos professores.

7. RESULTADOS E ANÁLISE: OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

Os dados dessa pesquisa foram coletados em quatro turmas, 6º, 7º, 8º e 9º do Ensino Fundamental II. As observações somaram um total de dezesseis aulas nas quatro turmas, quatro em cada turma. Foi utilizado o diário de campo, observando as atitudes dos professores e alunos, com o intuito de estabelecer relações entre o método de ensino da leitura aplicado por ela com a resposta de aprendizagem dos alunos.

Durante esse período de observação, notou-se através de conversas informais que o interesse dos alunos em relação a leitura ainda é pouca. Eles quase não visitam a biblioteca e só leem os livros que são exigidos pelo professor, para futuras cobranças.

Uma aluna relatou estar gostando mais do professor de Língua Portuguesa deste ano, pois a aula não é cansativa e o professor está trazendo livros muito interessantes para serem lidos em sala (ela está se referindo ao momento do Ciclo de Leitura). Antes, ela só gostava de ler os livros que comprava, mas agora está gostando das indicações de leitura, dos colegas e da professora. É importante ressaltar, que esses dados foram colhidos em uma conversa informal durante intervalos de aulas.

Em uma das aulas observadas durante o Ciclo de Leitura, a professora relatou que ela aproveitou esse momento para extrair o máximo de conhecimento prévio dos alunos, utilizando como referência os textos trabalhados em sala de aula ou até mesmo algum assunto que esteja sendo abordado na atualidade. É um momento de fruição da leitura, onde não será feita nenhuma cobrança. Observou-se que uma grande parte dos alunos ficam atentos a leitura. Mas alguns aproveitam esse momento para fazer os exercícios que deveriam ter sido feito em casa.

A professora partilha com alegria, algo que considera valioso, o livro. O interesse pelo que ela estava lendo foi despertado até mesmo pelos alunos mais displicentes. Ao final da leitura, durante a roda de conversa, de uma maneira bem descontraída, foi feita uma investigação sobre os interesses literários dos alunos, propiciando assim, a oralidade.

Essa estratégia está em consonância com Antunes (2003) que diz que os textos, como se sabe, se desenvolvem a partir de um determinado assunto ou dentro de um tema específico, o que lhes confere a unidade temática requerida pela sua própria coerência. Assim, uma conferência, uma palestra, um debate, uma aula e outros gêneros similares são sempre em torno de um determinado tema; e reconhecer essa unidade temática do texto constitui uma competência que a escola deve privilegiar. O mesmo se diga em relação à finalidade pretendida para a interação. Ou seja, o professor deve levar o aluno a ser capaz de identificar esses e outros aspectos globais do texto.

Desse modo, sabemos que são inúmeras as atividades que podem ser elaboradas com o objetivo de trabalhar textos, e, dessa maneira, percebeu-se que a estratégia do Ciclo de Leitura foi bem proveitosa para o processo de ensino da leitura, pois os alunos demonstram interesse ao momento da leitura feita pelo professor. A biblioteca registrou uma grande saída de livros no último mês e houve uma significativa melhora nas atividades de interpretação textual.

Para a entrevista com os professores, foram feitas as seguintes perguntas:

1. Qual a sua formação e a quanto tempo você leciona essa disciplina?
2. Qual o tempo dedicado ao Ciclo de Leitura?
3. Quais gêneros são utilizados?

4. Quem é o responsável pela leitura?
5. Qual a modalidade de leitura é utilizada?
6. Quem é o responsável pela seleção dos textos?
7. Há uma roda de conversa após a leitura?
8. Ocorre a realização de atividades escritas sobre os textos lidos?
9. O Ciclo de Leitura é uma estratégia que favorece o hábito da leitura?

7.1. Descrição dos dados obtidos com os alunos

Dando sequência a esta pesquisa, serão analisadas as perguntas do questionário aplicado aos alunos. O questionário apresenta cinco questões, todas elas abertas, que permitem ao entrevistado responder livremente, usando linguagem própria e emitindo opiniões.

Antes da aplicação do questionário, explicou-se a respeito de sua finalidade, da forma como deveria ser preenchido e ressaltar a importância do preenchimento correto, pois tratava-se de uma pesquisa. Uma vez explicada a finalidade do questionário e a importância de seu preenchimento, os alunos se mostraram motivados a responderem e tudo ocorreu como programado.

A aplicação do questionário durou cerca de 30 minutos em cada turma, todos os alunos responderam, mas somente 5 questionários respondidos de cada turma foram escolhidos.

Questionário aplicado aos alunos:

Questão 1: Você gosta de ler?

Questão 2: Você compreende tudo que lê?

Questão 3: Você gosta da leitura dos livros e textos que seu professor faz? Por quê?

Questão 4: Você acredita que o momento do Ciclo de Leitura contribui para lhe despertar o gosto pela leitura?

Questão 5: Em sua opinião, qual a importância da leitura para o indivíduo na sociedade?

Comentários:

O questionário foi aplicado pela pesquisadora. Alguns alunos participantes são ex-alunos da pesquisadora.

Dos vinte alunos que participaram do questionário, seis responderam não para a primeira pergunta, quatro responderam que gostam um pouco e dez afirmaram que sim, gostam de ler.

Não foi possível identificar a razão por que eles gostam ou não de ler, pois as respostas não foram justificadas.

A questão seguinte tinha como objetivo identificar se os alunos estão tendo uma aprendizagem significativa ou não em suas aulas. Doze deles afirmaram que compreendem o que leem, sete afirmaram que compreendem mais ou menos e um afirmou que não compreende o que lê.

Na 3ª questão, foi possível perceber que todos os participantes deram respostas positivas, afirmando que gostam dos textos utilizados em sala de aula e que gostam dos textos utilizados em sala de aula e que gostam dos textos trabalhados, porque são escolhidos por eles e são bem interessantes.

Analisando as respostas referentes à 4ª questão, notou-se que os alunos gostam muito desse momento da aula. Todos afirmaram que sim, esse momento muito tem contribuído para o hábito da leitura. Destaquei dois relatos.

“Esse ano foi a primeira vez que entrei na biblioteca para pegar livros emprestados”.

“Depois dessas aulas, estou sempre lendo um livro”.

Em relação a última questão o objetivo era avaliar o conceito que os alunos têm a respeito da importância da leitura para o indivíduo como ser sociável e crítico.

As justificativas, foram as seguintes:

“Aprender coisas novas”, “É importante para arranjar um bom emprego”, “Para ser considerado um cidadão”.

Desse modo, foi possível alcançar o objetivo proposto na questão, que era questionar os alunos sobre a importância da leitura. Os alunos têm consciência de que a leitura é importante para o indivíduo, pois adquire-se conhecimento, passa a compreender melhor o que se passa a nossa volta e a garantia de um futuro promissor.

7.2. Descrição da entrevista realizada com os professores

Para saber como o Ciclo de Leitura está sendo executado na escola Francisca Amélia, foi realizada esta investigação junto aos professores das turmas de 6º ao 9º do Ensino Fundamental do município de Barreira, Estado do Ceará. Para isso, foi utilizado um questionário, composto por 08 questões.

A primeira questão referiu-se ao tempo dedicado por semana, à apresentação dos Ciclos de Leitura. Todos os professores afirmaram ultrapassar os 30 minutos semanais.

Conforme o Guia com orientações para formadores e professores municipais (SEDUC-CE, 2017, P.3), este é o tempo proposto para cada Ciclo de Leitura, que pode ser ampliado ao longo do ano letivo, ficando a critério de cada professor, podendo chegar a durar até 50 minutos.

Quanto aos gêneros utilizados para a leitura nesses momentos, os professores afirmam fazer uso de gêneros variados destacando os mais lidos: Conto, Poemas e Fábulas.

De acordo com a proposta, os livros que devem ser utilizados são os que compõem os acervos presentes nas escolas, sobretudo os clássicos. Segundo o Guia com orientações para formadores e professores municipais (SEDUC- CE, 2017, P.3):

Não há livro inacessível, o trabalho de sensibilização bem feito não só elimina distâncias de temas e registros de estilo dos mais diversos períodos históricos como os transforma em estímulo a mais para o prazer da leitura. São, portanto, objeto de leitura, livros e gêneros diversos, contemplando: clássicos da literatura nacional e universal: poesia, literatura de cordel; crônicas; contos; histórias em quadrinhos; literatura de ficção e fantástica.

Complementando a análise dessa questão, destacamos Marcuschi (2002, p.35), que “considera gêneros textuais como uma oportunidade de se lidar com a linguagem em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia”. Sendo assim, os gêneros textuais podem ser estudados, como ferramentas de trabalho na escola, usado para compreender, expressar e interagir nas diferentes formas de comunicação social que participamos.

Sobre os responsáveis pela leitura, as respostas foram unânimes. Os professores são os responsáveis por essa ação. Antes de tudo, o mediador deve ser um leitor, pois só assim será possível envolver os alunos pelo encantamento do ato de ler. Além disso, torna-se indispensável para a sua mediação: planejar a prática de leitura com antecedência; escolher textos adequados; ler previamente os textos a serem trabalhados; estimular o grupo para interagir com as obras; conversar informalmente com os alunos sobre os livros; ler em voz alta e com boa entonação; relacionar a leitura a outras possibilidades e dar autonomia aos alunos para partilharem suas leituras.

A proposta para esse quesito é que o aluno seja conduzido pelo professor afetivamente, implicado com o seu papel mediacional. Podendo, na culminância do evento final do Ciclo de Leitura, caso haja oportunidade, outros leitores - convidados participarem. No entanto, não houve tempo para que essa culminância acontecesse.

Com relação à modalidade de leitura utilizada no Ciclo, a proposta do MAIS PAIC são explicitados os momentos da leitura como: leitura silenciosa, em voz alta, individual, coletiva etc. Todos os professores entrevistados afirmaram que fazem a leitura em voz alta.

Questionamentos sobre a responsabilidade pela seleção dos textos para a leitura, todos os professores dividem-na com os alunos. Lemos por diferentes motivos, entretanto, o que mais atrai o interesse do leitor é o desejo de ler o que a ele interessa. “Ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida.” (YUNES, ELIANA, 1995, p.188)

De acordo com a proposta, temas, gêneros, títulos, autores e outras indicações, devem surgir após as discussões e escolhas do próprio grupo, sob a orientação do professor - mediador. Para Antunes (2003, p.79), nada poderá justificar uma leitura que não seja a leitura de textos em que há claramente uma função comunicativa, um objeto interativo qualquer. Textos que têm autor(es), que têm data de publicação, que apareceram em algum suporte de comunicação social (jornal, revista, livro, panfleto, outdoor, cartaz etc.). Textos reais, enfim.

Também foi questionado sobre a realização de conversa com os alunos sobre os textos lidos no Ciclo de Leitura, e todos responderam que sim. O que vem de acordo com a proposta, pois esta,

é fundamentada nos Círculos de Cultura uma metodologia que prioriza o diálogo. Os assuntos abordados nesse momento podem ser sobre a vida do artista, a conjuntura política e os movimentos artísticos da época. Contribuindo, assim, para a bagagem cultural do aluno. É importante ressaltar que as leituras feitas no Ciclo de Leitura não têm nenhuma associação com atividades voltadas à interpretação de texto.

Para Antunes (2003, p.83) é preciso que se faça leitura por “pura curtição”. Que seja estimulado (com muitíssima frequência) o exercício da leitura gratuita, da leitura do texto literário, do texto poético sem qualquer tipo de cobrança posterior, suscitando assim a leitura pelo simples prazer que provoca (para isto, selecionar textos que, de fato, possam provocar prazer estético).

Sobre considerar o Ciclo de Leitura uma estratégia favorecedora da leitura literária entre os alunos, os professores foram unânimes. Essa metodologia muito tem contribuído para a formação do hábito de leitura.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma preocupação constante de todos os envolvidos com educação é a formação do aluno em um leitor proficiente. Dessa forma, muito se tem feito pela melhoria na qualidade do ensino de leitura. Um dos caminhos desta melhoria foi a implantação da metodologia dos Ciclos de Leitura na rotina didática dos anos finais do Fundamental II das escolas públicas.

A proposta dos Ciclos de Leitura MAIS PAIC muito tem a contribuir para o desempenho do aluno enquanto leitor proficiente. Mas, para isso, a escola precisa contar com professores comprometidos com o ensino de leitura, pois o ato de ler precisa ser altamente motivado na escola e continuado na família. Há de se mostrar aos professores a necessidade de conhecer e usar novas metodologias de leitura, garantindo, assim, um bom nível da aprendizagem. É preciso despertar no professor a importância do seu papel de incentivador do gosto de ler.

A partir dessas considerações, foi possível relatar os resultados obtidos com os alunos e os professores referentes à implantação dos Ciclos de Leitura na sala de aula. Com base nos dados coletados por meio dos questionários, concluímos que houve uma boa aceitação a proposta por parte dos envolvidos. Conforme relatos dos professores e dos alunos o desenvolvimento dos Ciclos de Leitura tem favorecido a criação de hábitos de leitura pelos alunos.

Sendo assim, os Ciclos de Leitura são apontados como favorecedores à formação do aluno enquanto leitor, mas, principalmente a formação do cidadão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. (2003) **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BORTOLIN, S. **O mediador de leitura**, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRENMAN, Ilan. **Através da vidraça da escola: formando novos leitores**. 2. Ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

CEARÁ. **Secretária da Educação Básica. Guia com orientações para formadores e professores municipais**. Fortaleza: SEDUC-CE, 2017

COSTA, A. L.; HILLESHEIM, A. I. A. **Atividades de incentivo a leitura na escola básica Padre João Alfredo Rohr**. Extensio, Florianópolis, v. 1, maio, 2004. Disponível em: <http://www.extensio.ufsc.br/20041/artigos_pdfs/CED_Araci.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2011.

DAMKE, Ilda Righi. Paulo Freire: **o mestre comprometido com o conhecimento, a história e a libertação**. Revista de Educação AEC, São Paulo, n.104, p.135-148, 1997.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conferência de abertura do III Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: Unicamp, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 6a ed. São Paulo. Editora Unesp, 2000.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 1996. Campinas: Pontes.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.19-36

MARIA, Luzia de. **Leitura & Colheita: livros, leitura e formação de leitores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MEC. Base Nacional Comum Curricular. MEC.GOV, [S. 1.], 25 jun. 2014. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.

OLIVEIRA, A. L.; WADA, M.; GENTILE, R. **A leitura e um ambiente acolhedor**. In: BAPTISTA, M. V. (Coord.). *Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação*. São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2006. p. 86-88.

ORLANDI, Eni Pulcinelli.et al. **LEITURA perspectivas interdisciplinares**, 5a ed. São Paulo: Ática, 2005, 115 p.

Parâmetros Curriculares Nacionais. **Ensino Médio**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília ministério da educação, 1999

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PICANÇO, Zuilda Ferreira. **A importância da leitura e sua aplicação no ambiente escolar da Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: <www.crmaiocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=002>. Acesso em: 02 agosto 2020

PRADO, Maria Dinoral Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RANGEL, J.N.M **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SILVA, Ezequiel T. **Da literatura e realidade brasileira**. 3ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

SILVA, M.B.C. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1991.

YUNES, Eliana, **Pelo avesso: a leitura e o leitor**. Revista de Letras, Curitiba, n. 44, p.185, 1995.